



CURRÍCULO, MATEMÁTICA E MÚSICA: A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A CULTURA

Lucas Teixeira da Silva¹

Claudia Lisete Oliveira Groenwald²

Interdisciplinaridade e o Currículo de Matemática

Resumo: A ideia central deste artigo é discutir a perspectiva cultural junto ao ensino de Matemática, apontando o que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) salienta à respeito desta integração e apresentando um exemplo de atividade relacionando andamentos musicais, aritmética e a produção musical de cada uma das cinco regiões do Brasil. A pergunta que se quer responder é “quais as possibilidades de integrar o ensino de Matemática com a cultura, aproveitando a alta diversidade cultural brasileira? Também, como compor um currículo que adequa esta realidade? Ressalta-se ainda o papel da cultura em formar e influenciar a “visão de mundo” de cada indivíduo, tornando indispensável esta discussão no âmbito escolar visando a formação integral do estudante.

Palavras Chaves: Educação Matemática. Cultura. Música.

Currículo e Cultura

A escola, enquanto instituição social que possui o dever de preparar futuros cidadãos para o convívio em sociedade, é um local multicultural, que abrange uma variedade de alunos e suas diferentes realidades sociais e culturais. Dayrell (1996) já defendia que “olhar a instituição escolar pelo prisma do cotidiano permite vislumbrar a dimensão educativa presente no conjunto das relações sociais que ocorrem no seu interior”. Esta pluralidade acaba por promover constantemente um choque de culturas, ou seja, quando diferentes realidades ocupam um mesmo espaço físico, estas tendem a se contrapor e a se questionar, levando em conta diversos fatores (crenças, costumes, ética, etc.).

Neste ponto, a esfera instrucional e as diretrizes nacionais possuem papel fundamental no sentido de defender a diversidade de cultura, sendo o currículo escolar o documento que possui impacto mais direto no planejamento pedagógico.

¹ Licenciado pelo curso de Matemática da Ulbra, campus Canoas/RS, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM), da Ulbra campus Canoas/RS - Brasil. <lucas.txs@gmail.com>.

² Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Pontifícia de Salamanca, Espanha, professora do Curso de Matemática Licenciatura e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da ULBRA/Canoas. <claudiag@ulbra.br>

Por se tratar de algo abrangente, o currículo, ou seja, o documento que define os saberes a serem ensinados nas escolas, é carregado de discursos e interesses específicos, destacando, conforme Lopes (2000), que na área de Ciências, este instrumento funciona como uma delimitação, definindo os princípios e a metodologia específica para que os objetivos maiores, não necessariamente ligados ao universo escolar, sejam plenamente atingidos. Estes objetivos, por sua vez, sofrem forte influência da realidade socioeconômica do país (mercado de trabalho, relações externas, etc.), evidenciando uma relação de interesses de poder e hierarquia social. Para Popkewitz (2008, p. 174), os currículos são produções culturais que “constituem formas de regulação social, produzidas através de estilos privilegiados de raciocínio”.

A cultura é ponto central da vida em sociedade, logo ela também impacta significativamente na construção do conhecimento. Para Laraia (1986), a cultura funciona, no desenvolvimento da intelectualidade, como uma lente através do qual se enxerga e se interpreta o mundo. Neste ponto, uma realidade, ou seja, uma interpretação de mundo, pode se dar de maneiras diferentes para cada indivíduo.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 1986, p. 68)

Caracterizar e definir “currículo” é uma tarefa complexa, uma vez que, dentro da literatura vigente, há uma grande discussão acerca de sua função, além das variadas concepções sobre ele oriundas de particularidades sociais e políticas. Por este motivo, neste artigo há afinidade com a definição proposta por Silva (1996) onde o currículo é visto como “o conjunto de experiências de conhecimento que a escola oferece aos estudantes”. Entende-se currículo como parte fundamental da organização escolar, norteador das ações das escolas.

Refletindo sobre a pluralidade de culturas presentes em um ambiente educativo, “é importante que as práticas educativas partam do reconhecimento das diferenças presentes na escola e na sala de aula” (CANDAUI, 2014, p. 32), uma vez que, no atual cenário social brasileiro, a promoção do multiculturalismo também é uma nova forma de globalização, rompendo com os processos tradicionais que acabam por ocultar e desvalorizar as diferenças.

Contudo, o questionamento é: o que ensinar neste contexto multicultural? Dentro da área das exatas de que forma abordar os conteúdos escolares e relacioná-

los na perspectiva cultural? Para ambos os questionamentos, a resposta é complexa, pois exige o rompimento de paradigmas e hegemonias no âmbito escolar.

Uma das possíveis respostas para estas questões se dá na problematização do conhecimento escolar, reconhecendo os distintos saberes oriundos de diferentes grupos culturais. Relacionar o saber escolar com o saber cotidiano do aluno é uma forma de dar sentido ao que se é aprendido. Para isso, é necessário que “sejamos capazes de desenvolver currículos que incorporem referentes de diferentes universos culturais” (CANDAU, 2014, p.35). Esta dinâmica, de problematização dos saberes, promove a argumentação e o confronto de ideias, além da interação entre diferentes realidades socioculturais.

A incorporação da multiculturalidade no mesmo reflete em uma das principais lutas do século XXI em países subdesenvolvidos: “o conhecimento não é um privilégio de determinado grupo de pessoas. Ele tem sua história e geografia [...]” (STRECK, 2012, p. 21). A democratização do conhecimento rompe com a ideia de uma pedagogia padronizada, que preza por inviabilizar as diferenças e “formar”, no sentido mais claro possível de “encaixar em determinados padrões”, um cidadão unicamente para o mercado de trabalho. Na perspectiva da cultura, conceitos como igualdade e respeito tem grande abertura de discussão, uma vez que é neste ambiente, crítico e problematizador, onde é possível se colocar no lugar do outro e compreender as suas razões e influências, porém, isto só se torna possível com currículos que o incentivem e o promovam. Dentro desta proposta, a ideia é de que “a criança na escola, ao conviver com a diversidade cultural, venha a aprender com ela” (MOREIRA, CARVALHO, 2014, P. 45), seja sobre o dinamismo do conteúdo que se é ensinado ou seja sobre valores éticos e sociais.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 e posteriormente a etapa do Ensino Médio em 2018, coloca foco nas orientações de currículos e o ensino de cultura. Das 10 competências gerais para a Educação Básica, em quatro delas a cultura é lembrada como um marco importante para o futuro, sendo a principal delas, no cenário desta discussão, a competência nº 9:

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p. 10)

Este fato evidencia que a cultura está presente desde o âmago da criação da BNCC, pois o documento declara o Brasil como um país com uma acentuada diversidade cultural (BRASIL, 2017, p. 15). A seguir, discute-se alguns momentos onde a cultura está presente na organização escolar.

A Cultura e a Organização Escolar

A cultura exerce influência direta no modo de vida das pessoas, sendo determinante para a construção dos valores éticos do cidadão. Este fato se dá uma vez que a visão da realidade é algo individual, ou seja, cada indivíduo tem sua própria interpretação de mundo influenciada por fatores externos, que vão desde as crenças e costumes até mesmo as relações sociais. Antropologicamente, isso chama-se “herança cultural”, um dos fatores da evolução humana, caracterizado pelas “apreciações de ordem moral e valorativa, pelos diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais [...], resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 1986, p. 68) sobre um indivíduo.

Verificando seu impacto sobre a realidade de um indivíduo, pode se afirmar que a cultura tem influência direta em seu desenvolvimento cognitivo, recaindo sobre os processos mentais de aprendizagem, entrando, assim, na esfera escolar. Neste aspecto, os teóricos cognitivistas criam teorias sobre como o conhecimento é adquirido investigando o processo de aprendizagem. Nas Ciências é defendido que a interrelação entre diferentes áreas tende a dar um sentido amplo ao que é aprendido e ao real objetivo da Ciência. A escola sendo a instituição formadora e que recebe indivíduos com distintas histórias e fontes sociais, necessita colocar em evidência o choque de culturas.

Considerando a abrangência do termo “cultura”, surge, neste ponto, um questionamento: o que ensinar de cultura na escola e como relacionar os conteúdos com este ensino? Neste artigo, segmenta-se uma faceta do conceito de cultura, justamente para delimitar o tema de pesquisa. Quando se discute cultura, ou ainda, quando se ressalta que um indivíduo “tem cultura”, geralmente associa-se ao fato de uma pessoa possuir um nível alto de educação. Este nível, por sua vez, pode ser desde uma educação técnica aprimorada (seja esta escolar ou científica) até mesmo um conhecimento amplo de diversos assuntos. Este segundo modo de se ver um “indivíduo com cultura” possui uma relação direta com a origem da cultura, uma vez

que ela é oriunda das relações sociais mediadas pela comunicação. Deste modo, quanto mais um indivíduo consegue relacionar diferentes assuntos, áreas ou conhecimentos, maior é o nível de abstração e entendimento do mesmo sobre o mundo.

Exemplificando, a Ciência, por seu caráter técnico e objetivo acaba sendo vista pela sociedade como algo distante da arte, esta regada pela filosofia e pela subjetividade interpretativa de suas obras, porém, muito da arte está relacionada à Ciência. O processo criativo é um ponto comum entre as duas áreas. Assim como um cientista tem que inferir e usar a imaginação na busca de uma explicação de um determinado fenômeno, um artista também precisa imaginar e seguir alguns processos para dar sentido e conseguir expressar a sua arte, ou seja, os processos, apesar de possuírem suas particularidades, são dependentes da capacidade criativa do indivíduo. A criatividade, por sua vez, é algo que pode ser desenvolvida.

Considerando a Matemática, o alto nível de abstração exigido no processo de ensino e aprendizagem desta área também demanda uma aguçada capacidade de representação para o entendimento de seus conceitos. Já a arte, em seu âmago, é uma forma de expressão e representação, seja de situações ou de sentimentos, o que produz uma combinação interessante entre as duas áreas.

A seguir apresenta-se uma possibilidade de contextualização dos conteúdos matemáticos com uma das distintas formas de arte que é ponto chave em quase todas as culturas da humanidade: a música.

Matemática e Música: o Ensino com Cultura

A música se faz presente desde o início da história da humanidade. Nas primeiras aglomerações sociais, as tribos, os tambores rústicos feitos com madeira e pele de animais conseguiam expressar sentimentos de medo, ansiedade, afeição e outras sensações que fugiam a razão, em um período histórico onde a forma de comunicação era rudimentar e limitada. Isto começou a dar forma ao jeito que os seres humanos se expressavam, evoluindo para as danças, gravuras, esculturas e demais meios que posteriormente compunham o que hoje se conhece como arte.

Das grandes civilizações do mundo antigo até a atual sociedade, a música passou por um processo de evolução, fortemente influenciado por fatores regionais e socioeconômicos. Em síntese, a música produzida por um determinado grupo social reflete não só a sua história como também suas crenças e visão de mundo. Neste

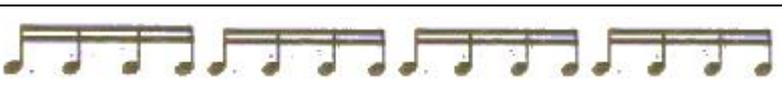
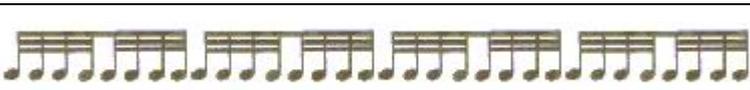
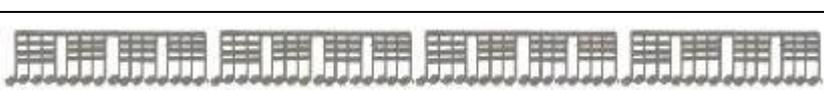
processo explicitamente social, onde a Matemática entra? Como abordar este assunto em sala de aula?

Neste trabalho focaremos nas relações existentes entre a Matemática e a música, presente na razão entre as frequências das notas musicais, nos andamentos musicais e no regionalismo cultural.

Apresentamos como se trata um andamento musical, que é a velocidade em que uma música é executada. Para medir essa velocidade, usa-se a nomenclatura de BPM – batidas por minuto, logo 60 bpm equivale a uma batida por segundo, enquanto 90 bpm equivale a 1,5 batidas por segundo, caracterizando a forma de organização e registro (por escrito) de uma música.

Existe um instrumento de medição de andamentos musicais chamado metrônomo, criado no século XIX por Johann Nepomuk Maelzel (1772-1838), que consiste em um aparelho originalmente mecânico em uma estrutura de pêndulo que estabelece um padrão fixo para os andamentos. Essencialmente, a velocidade em que se percebe uma música tem relação com a quantidade de notas musicais executadas entre cada uma das batidas, dando origem as figuras musicais (Figura 1).

Figura 1 – Tabela de figuras musicais e valores

Nome da figura musical	Figura musical	Representação dos valores das figuras musicais	Valor Relativo (notas por batida do metrônomo)
Semibreve			1 (0.25)
Mínima			2 (0.5)
Seminima			4 (1)
Colcheia			8 (2)
Semicolcheia			16 (4)
Fusa			32 (8)
Semifusa			64 (16)

Fonte: Adaptado de

<https://i.pinimg.com/originals/48/5e/0e/485e0ecc07c6dd51202b4e17c9526943.jpg>

Destaca-se que, no processo de composição, o andamento musical revela-se como uma arma que carrega as intenções daquela música e o que se quer expressar. Andamentos mais rápidos transmitem ansiedade, agitação, pressa, tensão, enquanto andamentos mais lentos geram suavidade, melancolia, tristeza, paz e harmonia. Uma marcha de guerra, por exemplo, se encaixaria em um andamento acelerado, enquanto as músicas orientais são tradicionalmente mais lentas em função da filosofia, daquele povo, de harmonia com a natureza. Em síntese, a quantidade de notas tocadas por batida do metrônomo irá transmitir a velocidade que a música é percebida pelo ouvido humano. Em um andamento de 120 BPM's, utilizando a figura musical de colcheia, são executadas 4 notas por segundo ($120/60 * 2$), ou ainda, 240 notas por minuto. Essas relações podem ser analisadas medindo os bpm's de músicas regionais brasileiras.

Neste sentido, o Brasil é um país com uma enorme extensão territorial e com uma pluralidade cultural muito diversificada. Analisando alguns andamentos de músicas típicas de cada região, se pode verificar algumas características principais e influências culturais das mesmas.

Iniciando pela região Sul, tem-se como principal destaque cultural, a música tradicional gaúcha, ou ainda, a Música Nativista. Até mesmo para um músico experiente, não conhecer a cultura gaúcha traria dificuldades para ele interpretar as composições musicais desta região, uma vez que a música nativista é construída em um andamento mais lento, com arranjos e letras rimadas, no geral conotativas e metafóricas, principalmente referindo-se ao campo, ao amor pelo Estado do Rio Grande do Sul, ao cavalo (um dos símbolos gaúchos) e a mulher. Nestas composições fica evidente as raízes históricas e culturais por trás desta expressão musical, sendo um dos principais fatores o processo de colonização brasileiro. Percebe-se uma aproximação da música nativista com a música espanhola, com andamentos similares as tradicionais "valsas" e danças de salão, populares na Europa no século XIX. São notas lentas e marcadas, como no exemplo a seguir da música "Querência Amada" da autoria de Vitor Matheus Teixeira, o popular "Teixeirinha". Esta música é caracterizada por um andamento de 116bpm com a predominância das figuras semínima e colcheia, conforme Figura 2.

Figura 2 – Partitura da Música “Querência Amada”

QUERÊNCIA AMADA
Teixeirinha

www.superpartituras.com.br

C F

Quem qui - ser sa - ber quem sou o - lhe pa - ra_o céu a - zul

G⁷ F G⁷ C

e gri - ta jun - to co - mi - go "Vi - va_o Rio Gran - de do Sul.

Fonte: <https://www.superpartituras.com.br/teixeirinha/querencia-amada>

Outro exemplo encontra-se no próprio Acordeão, instrumento característico da cultura gaúcha e derivado da gaita de fole, outra influência do norte Europeu. A proximidade com países colonizados pela Espanha (como a Argentina e o Uruguai) traz forte esta influência cultural.

Já do outro lado do país, a região nordeste é uma das mais ricas em diversidade cultural. O frevo e o axé predominantes nesta região, são caracterizados por ritmos intensos e andamentos acelerados. O primeiro fator determinante é o clima da região propriamente dito. Enquanto no Sul o clima frio afeta a música nativista com andamentos lentos, o calor tropical e intenso do nordeste eleva os bpm's as alturas. Mais uma vez, as raízes culturais têm forte influência do período da colonização europeia no continente sul-americano. Foi esta região que mais recebeu escravos vindos do continente africano, e com eles a riquíssima cultura tribal. Por também ser um continente de clima quente, a África sempre foi caracterizada por sua diversidade tribal, onde a principal forma de expressão sempre foi por intermédio de um tambor, sejam em suas guerras ou em suas diversas formas de celebração. O nordeste brasileiro incorporou estas características que, em contato com o samba do sudeste, produziu uma espécie de “versão brasileira” dos ritmos tribais africanos. No exemplo da música “Pipoca”, do grupo Araketu, o andamento registra 163bpm com predominância da figura colcheia (Figura 3), caracterizando um andamento acelerado.

Figura 3 – Partitura da Música “Pipoca”

PIPOCA
Araketu
Edition by SAMUEL FERREIRA

Tenor Saxophone

5

To CODA

9

A 8

Fonte: <https://pt.scribd.com/document/326681373/01-PIPOCA-Tenor-Saxophone>

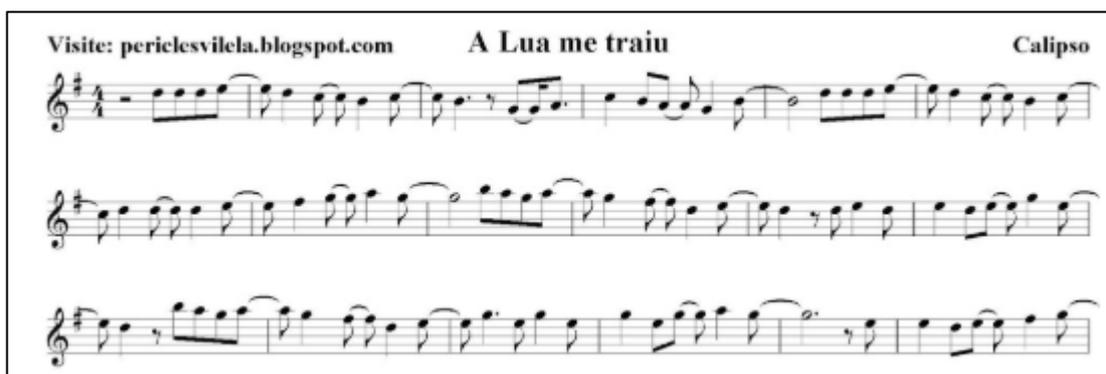
No centro-oeste, afastando-se um pouco das belíssimas praias nordestinas, está o coração do estilo musical sertanejo. Assim como no Sul, os andamentos musicais das músicas sertanejas, ou “caipiras”, são mais lentos, com a adição de vocais em dueto, com vozes mais agudas e dividindo as composições com as tradicionais violas. Analisando da perspectiva cultural, o clima da isolamento das fazendas e o afastamento dos grandes centros urbanos, produzem versos que falam sobre a “lida no campo” e a vida em meio a riqueza da natureza. Este é um estilo que, dentro da indústria musical, evoluiu com o tempo, sendo adicionados uma alta dose de romantismo e melancolia nas letras. Ainda assim, o sertanejo, mesmo em sua vertente moderna, o sertanejo universitário, mantém andamentos mais lentos que apelam ao sentimentalismo, fruto do aspecto histórico do isolacionismo das fazendas na época de expansão ao interior do continente sul americano. Na música “Não aprendi a dizer adeus” de autoria da dupla Leandro e Leonardo, verifica-se o andamento de 107 bpm’s com exclusivamente figuras musicais em colcheia, o que releva o andamento lento aliado a uma letra e métricas melancólicas (Figura 4).

Figura 4 – Partitura da Música “Não Aprendi a Dizer Adeus”

Fonte: <https://www.superpartituras.com.br/leandro-e-leonardo/nao-aprendi-a-dizer-adeus>

A região norte do Brasil possui uma cultura musical bem marcante, porém não muito difundida nas outras regiões do país. Seus principais ritmos musicais são o carimbó, o Calypso e a Marujada. Buscando caracterizar cada um destes estilos, primeiro deve-se notar a localização da região norte do nosso país: tem proximidade e influências diretas da região nordeste, próxima aos países caribenhos e abriga a maior floresta do planeta, berço de uma rica cultura indígena nativa. O carimbó é reflexo direto da cultura indígena, com música em andamentos moderados, mais caracterizado por sons naturais, advindo de tambores, flautas e do tradicional berimbau. Cantando letras do folclore local, possui uma dramatização bem característica e sempre relacionando aspectos da natureza. Já o Calypso é fruto do choque da cultura indígena com os ritmos nordestinos, que produziu uma música com andamentos acelerados e com sons naturais. Por fim, a Marujada é um ritmo que surgiu de manifestações religiosas juntamente com danças feitas por negros na época da colonização, tendo como instrumentos principais os tambores, a cuíca, os pandeiros e a viola, com andamentos variados. Na perspectiva cultural, e por se tratar da maior região do país, é evidente que seja a que mais sofre distintas influências musicais, indo dos ritmos caribenhos até o samba do sudeste brasileiro. Para exemplificar, foi selecionado a música “A lua me traiu” de autoria da Banda Calypso que teve grande repercussão no cenário musical nacional. O andamento desta música é de 160 bpm’s com predominância da figura colcheia. O grande destaque fica acerca das rápidas transições entre as notas registradas na partitura como traços em forma de arco (Figura 5).

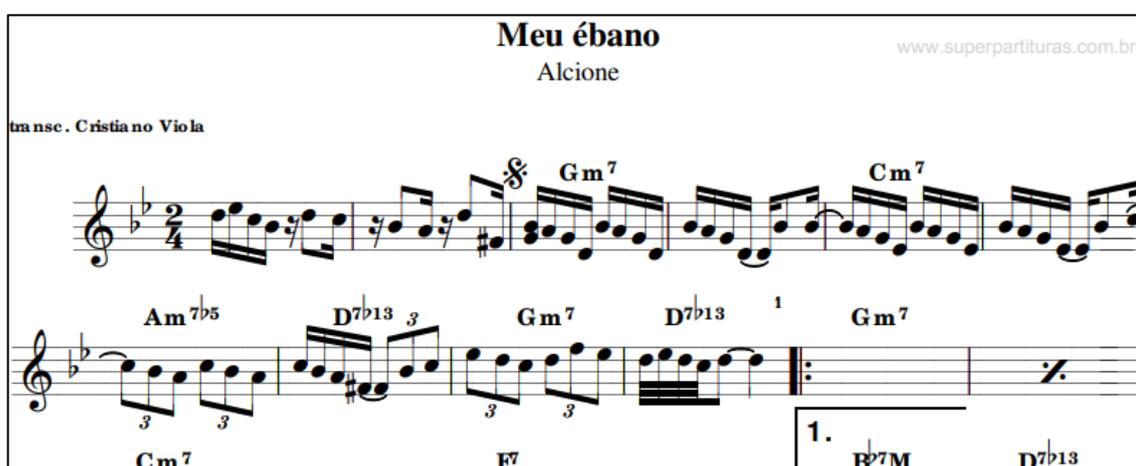
Figura 5 – Partitura da Música “A Lua me Traiu”



Fonte: <https://periclesvilela.blogspot.com/2011/12/lua-me-traiu-banda-calypso-n-366.html>

Por fim, a região sudeste possui duas vertentes marcantes em sua expressão cultural musical: o samba e o funk. O samba possui uma raiz mais antiga, onde sua origem é na Bahia. Com ritmos fortes e andamentos rápidos, o samba se popularizou e tornou-se a cara da cultura brasileira. Marchinhas e tambores fazem o ritmo que instiga a movimentação do corpo. O improviso nas rodas de samba e a “gafieira” acabaram por ser a característica mais marcante na região com a maior concentração de pessoas e o maior centro comercial do país. Fruto de celebrações religiosas em um país colonizado e escravo, o samba evolui em distintas vertentes: em São Paulo percebe-se a relevância de notas mais graves, enquanto na Bahia os batuques e canções indígenas são presentes, sendo o Rio de Janeiro onde o choque com o maxixe produz o pagode clássico. A artista brasileira Alcione possui em seu repertório de composições a canção “meu ébano”, caracterizada por um andamento de 164 bpm’s com predominância de colcheias e semicolcheias (Figura 6), um exemplo do samba popular.

Figura 6 – Partitura da Música “Meu Ébano”



Fonte: <https://www.superpartituras.com.br/alcione/meu-ebano>

Já com o Funk a história é um pouco diferente. Originado nas regiões pobres e morros do Rio de Janeiro, com forte influência norte americana, o funk se caracteriza por uma batida marcante e andamentos de lentos para moderados, em ritmo de festa. Olhando para a realidade cultural desta região, o turismo é uma das principais fontes de renda, logo um ritmo simples e popular em clima de festa se faz necessário para tal. Diferentemente do funk norte-americano, que possui um tom de protesto em uma época de luta contra o racismo, o funk brasileiro descreve a realidade da vida em uma favela, com todas as suas precariedades. Recentemente, acabou tomando um tom mais sexual, onde tem uma clara apelação a sensualidade e ao ato por si próprio, tornando-se um dos estilos musicais mais populares e comerciais do Brasil. No verão de 2017, o artista MC Nego do Borel lançou a música “você partiu meu coração” que dominou as rádios e o carnaval daquele ano, caracterizado por um andamento de 98 bpm’s predominantemente na figura colcheia (Figura 7).

Figura 7 – Partitura da música “Você Partiu Meu Coração”

The image shows a musical score for the song "Você Partiu Meu Coração" by MC Nego do Borel, specifically for the Sax Alto instrument. The score is written in treble clef with a key signature of two sharps (F# and C#) and a 4/4 time signature. It consists of four staves of music. The first staff begins with a treble clef, a key signature of two sharps, and a 4/4 time signature. The music is written in a rhythmic style characteristic of Funk, featuring a mix of eighth and sixteenth notes. The second staff starts at measure 6, the third at measure 11, and the fourth at measure 16. The score is enclosed in a rectangular box with the title "Você Partiu Meu Coração" at the top center, "Sax Alto" on the left, and "Nego do Borel" on the right.

Fonte: <https://www.superpartituras.com.br/mc-nego-do-borel/voce-partiu-meu-coracao-v-3>

Um ponto interessante a destacar é que, por mais que o andamento musical seja o mais lento dos exemplos trazidos, a ampla sequência de notas sem intervalos e, principalmente, a batida da música acaba por dar o tom dançante característico do Funk brasileiro.

Considerações Finais

Neste artigo, buscou-se apresentar a possibilidade de inserir a diversidade cultural brasileira nas aulas de Matemática. Em uma atividade de pesquisa envolvendo andamentos musicais é possível solicitar aos alunos que calculem a velocidade de execução das respectivas notas de uma música e depois buscar inferir sobre as características culturais que envolvem a composição. Mais uma vez, é dar sentido usual ao que se é ensinado e promover uma discussão sobre representatividade e conhecer as distintas culturas do Brasil.

Não era o intuito neste trabalho generalizar um estilo musical nem mesmo rotular artistas ou composições, mas sim analisar, com o auxílio da Matemática e da teoria musical, as características e influências culturais de cada região sobre as suas músicas, buscando salientar as mais populares. Por fim, reforça-se que a cultura é indispensável na formação do cidadão, pois é através de múltiplos conhecimentos ou ainda, de diferentes formas de ver o mundo, que a educação consegue transformar a realidade das pessoas.

Referências

- BRASIL. MEC - Ministério da Educação (Org.). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf >. Acesso em: 17 de janeiro de 2020.
- CANDAU, V.M. **Educação intercultural: entre afirmações e desafios**. In: Currículos, disciplinas escolares e culturas. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DAYRELL, J.T. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. 28ª reimpressão: 2017. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LOPES, A.C. **Organização do conhecimento escolar: analisando a disciplinaridade e a integração**. In: CANDAU, V.M. (org.). Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 147-163.
- MOREIRA, A.F. CARVALHO, M. **Construção de identidades no currículo de uma escola de Ensino Fundamental**. In: Currículos, disciplinas escolares e culturas. Petrópolis: Vozes, 2014.

POPKEWITZ, T.S. **História do Currículo, Regulação Social e Poder**. In: T. T. Silva (org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. 6. ed. Petrópolis: Vozes, p. 173-210, 2008.

SILVA, T.T. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis: Vozes, 1996.

STRECK, D.F. **Qual o Conhecimento que Importa? Desafios para o currículo**. Currículos sem Fronteiras, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 8-24, set./dez. 2012.